

A representação das paisagens nos livros didáticos de Geografia: um estudo sobre suas contribuições no processo de ensino aprendizagem

*The representation of landscapes in Geography didactic books: a study on their
contribution for the teaching and learning process*

Aline Gabrielle Dias

7º período de Pedagogia do Centro Universitário de Patos de Minas – UNIPAM

Maria da Penha Vieira Marçal

Professora Orientadora.

Resumo: A representação de paisagens nos livros didáticos deve ser objeto de análise e investigação por parte do professor no sentido de viabilizar a construção do conhecimento geográfico pelos alunos. Isso se deve ao fato de que o conceito de Paisagem é uma das categorias do ensino da Geografia. O objetivo deste trabalho é analisar as representações de paisagens nos livros didáticos de Geografia do 4º e do 5º ano de escolaridade, compreendendo as diferentes formas de utilização dessas paisagens no processo de ensino aprendizagem. Para a efetivação dessa pesquisa, realizamos inicialmente uma pesquisa bibliográfica em autores que tratam desse tema. Realizamos, também, uma pesquisa documental nos livros didáticos adotados nos 4º e 5º ano de escolaridade em duas escolas de Patos de Minas, sendo uma da rede particular de ensino e outra da rede pública. Realizamos, também, uma pesquisa de campo, em que utilizamos a entrevista semiestruturada como técnica de coleta de dados. Como resultado, verificamos que a escolha do livro didático nas escolas é realizada de forma conjunta, tomando como o primeiro critério a indicação ou não dos conteúdos exigidos na matriz curricular. Em todos os conteúdos abordados nos livros didáticos estão dispostas representações de paisagens, apesar de que não há propostas de atividades sobre as mesmas. Algumas paisagens indicadas nos livros didáticos indicam apenas a Unidade de Federação (UF) a que pertence sem especificar a localidade. Verificamos que os professores enfrentam desafios em relação ao trabalho com as paisagens em sala de aula em decorrência da falta de definição da categoria de paisagem e de sua importância para a construção do saber geográfico. As regiões brasileiras representadas nos livros didáticos são a Sul (9%), Sudeste (37%), Nordeste (14%), Centro Oeste (19%) e Norte (21%). Em nenhum dos livros analisados são propostas atividades que envolvam outros sentidos além da visão para a leitura de paisagem. Por fim, verificamos que em todos os livros didáticos analisados não são propostas atividades de comparação entre imagens que ilustram o mesmo espaço. Assim, concluímos afirmando que os professores que atuam nas séries iniciais devem procurar formação continuada na área de Geografia, a fim de facilitar a utilização de outras linguagens geográficas na prática pedagógica.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Livros didáticos. Paisagens. Prática pedagógica.

Abstract: The landscapes representation in textbooks should be object of analysis and investigation by the teacher in the order to enable the construction of geographical knowledge by

students. This is due to the fact that the concept of landscape is one of the categories of Geography teaching. The objective of this paper is to analyze the landscapes representation on Geography textbooks of the 4th and 5th grade, comprising the different ways of using these landscapes in the process of teaching and learning. For the realization of this research, initially conducted a literature search on authors who address this theme. We also conducted documentary research in textbooks adopted in the 4th and 5th grade in two schools of Patos de Minas, one of the private schools and other public schools. We also conducted a field study in which we use the semi-structured interview as a technique for data collection. As a result, we found that the choice of textbooks in schools is held jointly, taking as the first criterion to indicate whether or not the content required in the curriculum. In all subjects covered in the textbooks are willing representations of landscapes, although no proposals on the same activities. Some landscapes displayed in the textbooks only indicates the Federation Unit (PSU) to which it belongs without specifying the location. We found that the challenges that teachers face in relation to work with the landscapes in the classroom due to the lack of definition of the category of landscape and its importance for the construction of geographic knowledge. The Brazilian sides are represented in textbooks the South (9%), Southeast (37%), Northeast (14%), Midwest (19%) and North (21%). In none of the books analyzed are proposed activities involving other senses besides sight to read the landscape. Finally, we note that in all the textbooks examined proposed activities are not comparing images that illustrate the same space. We conclude by stating that teachers who work in the early grades should seek continuing education in the field of geography in order to facilitate the use of other geographical language in the pedagogical practice.

Keywords: Teaching Geography. Textbooks. Landscapes. Pedagogical practice.

Introdução

O professor tem um papel fundamental na formação da personalidade do educando, influenciando, muitas vezes, na sua forma de agir e pensar sobre a realidade. A atuação docente é fator determinante para a construção de uma sociedade crítica em todos os seus aspectos. Trabalhando de forma responsável e interessada, o maior desafio do professor é o de formar alunos que busquem constantemente o conhecimento, uma vez que o processo de escolarização vai além dos conteúdos curriculares propostos.

No estudo da Geografia não é diferente. O aluno necessita constantemente elaborar a leitura de mundo, percebendo-se como parte integrante do espaço em que vive. Cada vez mais se torna necessário conhecer e refletir criticamente sobre o objeto de estudo da Geografia - o espaço geográfico - percebendo-o como produto histórico que se modifica de acordo com a sociedade. O estudo da Geografia pode ser realizado por meio de vários recursos didáticos, em que o livro didático se destaca por ser um dos mais utilizados pelos professores.

Mesmo com inúmeros materiais atualizados disponíveis para o professor na atualidade, o livro didático continua, de fato, sendo o instrumento didático mais utilizado na prática docente, tanto em escolas públicas quanto privadas. No entanto, é necessária uma reflexão sobre a forma de utilizá-lo em relação às imagens e textos. É im-

portante lembrar que o livro didático é um instrumento que contribui para a formação cultural e social do aluno e por esse motivo deve conter dados/imagens atualizadas. Sendo assim, o professor, ao adotar um livro didático deve, antes, fazer uma leitura crítica do mesmo a fim de evitar a transmissão de conceitos em lugar da real compreensão do conteúdo explicitado. A utilização do livro didático deve se apresentar como forma de superar o modelo tradicionalista de ensino em que, como afirma Kaercher (1999, p. 72), “as informações, os dados, são transmitidos aos alunos sem a explicação das causas, dos processos que levaram a esses números”. Essa superação é necessária, principalmente nas aulas de Geografia, em que a compreensão da realidade vivida é imprescindível.

Para a prática pedagógica no ensino de Geografia, é necessário considerar as alterações ocorridas nesta disciplina desde sua institucionalização. Essas alterações exigem, também, que os livros didáticos sejam modificados. Uma das principais alterações ocorridas na apresentação dos livros didáticos de Geografia foi a inserção de imagens para representação das paisagens, que tem significativa importância para o processo de compreensão do espaço geográfico.

Quando se fala em paisagens, logo vem na memória a definição advinda do senso comum, nesse caso, paisagens se relaciona a coisas que agradam aos olhos e que têm como finalidade apenas a visualização. No entanto, não é com essa concepção que os professores devem analisar as representações de paisagens nos livros didáticos de Geografia. Isso se deve ao fato de que o conceito de Paisagem é uma das categorias do ensino da Geografia. Para Santos (1996, p. 61), paisagem é “tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança [...]. Esta pode ser definida como domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, sons, etc”.

O conceito de paisagem usado no senso comum reflete as matrizes de sua historicidade. Paisagens nem sempre são belas imagens, mas representações de um espaço delimitado, mesmo que não agrade aos olhos de quem as visualiza. Elaborar um conceito de paisagem torna-se cada vez mais difícil, pois são muitos os caminhos pelos quais esse conceito é utilizado tanto na Geografia como nas outras áreas do conhecimento. Por isso, o objeto de nosso estudo são as representações das paisagens nos livros didáticos das séries iniciais do ensino fundamental como proposta metodológica para o ensino de Geografia. Consideramos importante recorrer aos PCNs a fim de identificarmos as suas orientações sobre o trabalho com essa categoria de análise

A categoria paisagem tem um caráter específico para a Geografia, distinto daquele utilizado pelo senso comum ou por outros campos do conhecimento. É definida como sendo uma unidade visível do território, que possui identidade visual, caracterizada por fatores de ordem social, cultural e natural, contendo espaços e tempos distintos; o passado e o presente (BRASIL, 1997, p. 11).

Sendo assim, a análise de paisagens deve considerar não só seus aspectos visíveis, mas tudo que está por trás da mesma. A utilização do livro didático em sala de

aula exige que o professor apresente aos alunos a possibilidade de que as paisagens descritas podem conter ideologias. As representações de paisagens podem disseminar alguns clichês geográficos. Braga (2003, p. 62) afirma que os clichês geográficos “ao contrário de explicar ou entender a realidade contribuíram para a criação de simplificações obscurecedoras” em relação ao espaço geográfico. Deve-se também discutir sobre o fato de que nem sempre as imagens apresentadas nos livros didáticos estão em consonância com o texto escrito que as descrevem. Por isso, é necessário analisar se o livro didático não adota um princípio metodológico que limita apenas a visualização e descrição dos fenômenos que constituem as paisagens, favorecendo ao aluno a passividade. Também é importante considerar que o espaço geográfico está em permanente transformação, o que influencia diretamente na análise das representações das paisagens. Por isso, não se pode desconsiderar a dinamicidade do espaço geográfico, uma vez que as transformações ocorridas na sociedade acabam por implicar, também, na reorganização do espaço geográfico.

Diante disso, esse tema despertou-nos o interesse em analisar as representações das paisagens nos livros didáticos do 4º e do 5º ano de escolaridade e sua importância para o processo ensino aprendizagem, buscando identificar a relação entre a abordagem pedagógica do professor e as imagens existentes nos livros didáticos. Para desenvolver essa pesquisa realizamos um estudo bibliográfico em teóricos que abordam o tema. Com a finalidade de compreender como ocorre a representação das paisagens nos livros didáticos, foi realizada uma pesquisa documental em livros adotados por duas escolas, sendo uma da rede estadual de ensino e a outra da rede particular, escolhidas de forma aleatória. Procuramos saber quais eram os livros didáticos de Geografia adotados no 4º e no 5º ano de escolaridade nessas escolas. Por coincidência, os livros adotados nas duas escolas foram editados pela Editora Moderna e fazem parte da coleção Projeto Pitangüá, adotado na escola da rede pública de ensino, e Projeto Buriti, adotado na escola da rede particular de ensino. Esses livros são de responsabilidade do corpo editorial da editora, não tendo, portanto, autoria especificada.

Para facilitar a descrição das análises dos livros didáticos, optamos por classificá-los por números. Assim sendo, os livros do Projeto Pitangüá foram identificados com o número 1, enquanto que os livros do projeto Buriti foram identificados com o número 2. Nessa análise, foram observados os tipos de paisagens representadas, as regiões com maior número de representações, a disposição das paisagens e a existência ou não de clichês geográficos.

Além da pesquisa documental realizada nos livros didáticos, efetivamos, também, uma pesquisa de campo, em que foi utilizada a entrevista semiestruturada como técnica de coleta de dados, aplicada aos professores que atuam no 4º e no 5º ano nas duas escolas localizadas na cidade de Patos de Minas - MG. Foram entrevistados dez professores, sendo seis da escola da rede pública de ensino e quatro da rede particular. Todos os sujeitos pesquisados são do sexo feminino. Nessa entrevista procuramos indagar sobre a prática pedagógica dos professores em relação à utilização das imagens existentes nos livros adotados. Além disso, questionamos, também, sobre os critérios de adoção desses livros nas escolas.

Para a realização da entrevista, procuramos inicialmente estabelecer um contato anterior com a direção da escola e com os professores no sentido de apresentar o nosso

projeto de pesquisa. Para indicar as respostas dos professores, optamos por classificá-los por números. Sendo assim, os professores da escola da rede pública foram identificados por números de 1 a 6, sendo que os números 1 a 3 referem-se aos professores do 4º ano do ensino fundamental e os números de 4 a 6 referem-se aos professores do 5º ano do ensino fundamental. Da mesma forma, os professores da rede particular foram identificados por números de 7 a 10. Essa numeração teve um caráter aleatório. Todas as entrevistas foram transcritas e analisadas a partir da análise estrutural de conteúdo, sendo que foi analisada a forma como elementos das entrevistas realizadas revelam aspectos subjacentes implícitos nas respostas dos professores. Apesar de nossa técnica de coleta de dados ser a entrevista semiestruturada, o que nos permite sair do roteiro pré-estabelecido, percebemos que a maioria dos professores não abriu espaços para outras indagações, apenas respondeu às questões pré-estabelecidas.

1. O livro didático de Geografia nas escolas: seleção e utilização

O livro didático tem sido utilizado como o único meio para a construção do conhecimento, não só nas aulas de Geografia, como também em outras disciplinas. Mediando o processo de construção do saber, o objetivo do livro didático deve ser principalmente o de favorecer a construção do conhecimento do aluno, auxiliando-o na compreensão da realidade.

No entanto, temos visto que, apesar de sua importância, o livro didático não tem sido fonte de reflexão e análise do espaço geográfico por parte dos professores e alunos pelo fato de que é utilizado, muitas vezes, apenas para realização de exercícios. Utilizado desta forma, o livro didático perde seu sentido pedagógico. Temos visto, muitas vezes, que os professores tem utilizado o livro como uma cartilha a ser seguida fielmente.

É importante que o professor faça uma leitura reflexiva do livro a ser adotado, incluindo, entre outros aspectos, as imagens existentes nos mesmos. Nas entrevistas efetivadas com as professoras da rede pública e particular de ensino, as mesmas foram indagadas sobre esse tema. O primeiro questionamento feito às professoras foi sobre o critério de seleção do livro adotado. A maioria das professoras da rede pública respondeu que o livro foi escolhido por estar de acordo com a matriz curricular de referência da disciplina. Para a professora 4, a escolha do livro de sua escola se deu em função de o mesmo conter “*um conteúdo muito rico, [...] e também conteúdos curriculares da matriz de referência*”. Para a professora 7, da rede particular, o livro adotado em sua escola foi escolhido por “*atender a proposta pedagógica da escola e por estar de acordo com o conteúdo programático anual*”. Estas respostas indicam que a seleção do livro didático nas escolas é realizada de forma coletiva pelos professores preocupados, prioritariamente, com a contemplação dos conteúdos necessários em cada ano de escolaridade. Sobre esse assunto, Rua (1998, p. 1) afirma que “o currículo escolar, em seus conteúdos, não é definido por assuntos de interesse de alunos ou professores, mas principalmente pelo livro-texto, estandarizado e voltado para uma série específica”.

Questionamos as professoras sobre os critérios de análise das representações de

paisagens na seleção do livro didático. A maioria respondeu que não houve critérios. No entanto, citaram que a legibilidade, a cor e o tamanho das imagens foram observados, mas não se constituíram em critérios de exclusão do livro. A professora 2, da escola pública, afirmou que *“acredito que não foi o que mais focou, mas analisamos, de certa forma, as paisagens, os mapas e outras gravuras também”*. A professora 4, da escola pública, afirmou que *“todos os critérios como tamanho e qualidade da imagem foram analisados”*. Enquanto que a professora 6, da mesma escola, afirmou *“não foram avaliadas as paisagens contidas, foi olhado, como eu falei, o conteúdo, se estava de acordo com a matriz curricular”*. Todas as professoras deixaram transparecer a importância das imagens para ampliar o conhecimento dos alunos. Porém, reconheceram que não se preocuparam com as representações das paisagens nos livros no momento da avaliação dos mesmos. A professora 7, da escola particular, afirmou que as imagens do livro adotado *“são atrativas, coloridas e reais”*, porém não expressou a importância dessas características para a construção do saber do aluno. Da mesma forma, a professora 9 afirmou que *“as paisagens foram sim analisadas no momento da escolha”*, assim como *“as legendas também foram analisadas”*. É fato que a resolução das imagens nos livros didáticos é imprescindível para uma melhor compreensão do espaço geográfico representado. Para Tonine (2003),

é necessário aprender a ler paisagens, pois esta implica em aprender como apreciar, decodificar e interpretar o espaço representado, analisando ao mesmo tempo a forma como são elas construídas e o modo como operam na construção do conhecimento geográfico.

Assim, verificamos que a escolha do livro didático pelas escolas é realizada de forma conjunta, tomando como o primeiro critério a indicação ou não dos conteúdos exigidos na matriz curricular. Assim, as representações das paisagens são vistas por alguns professores como simples ilustração dos textos indicados. Puntel discorre sobre a importância da avaliação do livro didático pela escola antes da adoção do material, considerando que esta avaliação deve ser feita com seriedade e cautela,

[...] levando em consideração que existe um certo “apego” do professor em relação ao livro didático, é importante que esse material seja muito bem avaliado e analisando antes de adotá-lo, porque nos últimos anos aumentaram significativamente as produções de livros, e as editoras usam de todas as “artimanhas” possíveis para vender o produto (PUNTEL, 2006, p. 54).

É importante salientar que um livro didático é, antes de tudo, um objeto mercadológico. Como afirma Bittencourt (1998, p. 71), *“o livro didático é, antes de tudo, uma mercadoria”*. O aumento do número de livros didáticos existentes no mercado comprova como esse ramo tem se tornado promissor para as editoras. O início da seleção dos livros didáticos faz parte do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), criado desde 1997, sob a responsabilidade da Secretaria do Ensino Fundamental do Ministério da

Educação (MEC). Essa avaliação segue um roteiro de critérios que definem se o livro pode ou não ser incluído na lista para que os professores possam selecioná-los para adoção nas escolas. Por isso, as editoras buscam atender aos critérios do PNLD, pois o governo federal é o maior comprador de livros didáticos no Brasil. Puntel (2006) discorre sobre a atuação do PNLD e o processo de compra de livros didáticos afirmando que

os livros didáticos são renovados a cada 3 anos. Existia, até 1997, uma verdadeira “guerra” entre as editoras no sentido de colocar os livros didáticos no mercado. A partir desse ano, há um processo rigoroso de avaliação dos LD, que são selecionados, por uma comissão de professores de Geografia solicitada pelo MEC em edital público, o que faz com que cheguem nas escolas somente os LD que passaram por essa comissão avaliadora. Isso dá mais tranquilidade aos professores, pois estão recebendo somente os livros considerados mais “adequados” (p. 54).

É de fundamental importância a participação do professor no momento da escolha do livro didático, pois ninguém está mais apto do que o mesmo, que trabalha em sala de aula diariamente, para criticar e fazer sugestões sobre um material didático a ser utilizado por eles e pelos seus alunos.

2. Paisagem como conceito geográfico: trabalho docente e livro didático

O conceito de paisagem não é considerado importante apenas pela ciência geográfica, mas também pela Arte, pela História, dentre outras disciplinas escolares. Pelo fato de ser uma categoria de análise abrangente, a Geografia confere à paisagem um caráter de cientificidade, dada a sua especificidade, tendo em vista que trata de um recorte visível do espaço geográfico.

Vivemos, atualmente, na era da informação e da tecnologia. Nesse contexto, a imagem está registrada em todos os espaços por onde circulamos. Vemos paisagens em *outdoor*, em fachadas de edifícios e até mesmo nas ruas. Assim sendo, a leitura de paisagens é de fundamental importância para a compreensão do processo de organização e reorganização do espaço geográfico.

Pelas análises nos livros didáticos, verificamos que em todos os conteúdos abordados estão dispostas representações de paisagens, apesar de que não há propostas de atividades sobre as mesmas. Em todas as apresentações das unidades dos livros analisados são apresentadas paisagens relacionadas com o conteúdo a ser estudado. Nessas apresentações de unidade há um indicativo de que os alunos devem observar e descrever tal paisagem. No entanto, não são propostas atividades de comparação das paisagens dispostas. Também não é solicitado ao aluno estabelecer relações entre as paisagens e a cultura dos povos. Verificamos, também, que algumas paisagens indicam apenas a Unidade de Federação (UF) a que pertence sem especificar a localidade. Ou-

tras representações de paisagens dispostas nos livros sequer contém indicações do espaço representado.

Nessa perspectiva, Puntel (2006) defende que os autores dos livros didáticos devem estar atentos para que toda paisagem tenha a indicação do espaço representado, pois

[...] é através dessas atividades de reconhecimento do lugar [...] que se expressam múltiplos significados, que os alunos vão sentir e perceber que as paisagens estão cheias de representações e que fazem parte de suas vidas. Isso só vai acontecer no momento em que eles conseguirem decifrá-las, compreendendo que elas dizem muito sobre cada um que está inserido naquele contexto (p. 90).

O estudo das representações das paisagens em sala de aula deve estar relacionado à compreensão de um tema geográfico a ser estudado. A paisagem, quando abordada em conjunto com outras linguagens geográficas se torna mediadora da construção do conhecimento pelo aluno. Castellar e Vilhena (2010, p. 108) afirmam que

a importância que damos a leitura da paisagem não é somente na construção dos conceitos envolvidos, mas no fato de se estruturar um modelo de realidade que pode ser o ponto de partida para a análise geográfica da organização do espaço social.

Analisando os conteúdos propostos nos livros didáticos, apesar de os mesmos pertencerem à mesma editora, há divergência entre os livros e o ano de escolaridade, conforme mostra o Quadro 1 a seguir.

Quadro 1. Conteúdos nos livros didáticos indicados para serem ministrados

	4º ano	5º ano
Projeto Pitangua 1	Espaço urbano; Espaço rural; Transportes e comunicações.	A Terra: representação e localização; A dinâmica da natureza: relevo, hidrografia, clima e vegetação do Brasil; A população e as regiões do Brasil.
Projeto Buriti 2	Planeta Terra: localização, representação e movimentos; Organização política, relevo, hidrografia, clima, vegetação, recursos naturais e população do Brasil	A diversidade brasileira; A regionalização do Brasil: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste, Sul; O Brasil na América do Sul e no mundo.

Fonte: Análise documental nos livros didáticos do 4º e do 5º ano

Verificamos que o tema Planeta Terra é indicado tanto no livro didático 2, do 4º ano, quanto no livro didático 1, do 5º ano. O conteúdo indicado no livro didático 1, do 4º ano, faz parte do conteúdo do livro didático 2, do 3º ano, que não foi analisado. O conteúdo indicado no livro didático 2, do 5º ano, é abordado no último capítulo do livro didático 1, do 5º ano. Essa divergência não se apresenta como um problema para o trabalho com o livro, uma vez que é o professor quem define quando e como se deve discutir um determinado tema com os alunos. Como já dito anteriormente, o livro didático não pode se constituir em uma cartilha a ser seguida pelo professor e sim um meio para a construção do saber escolar. Para Tonini, a importância de o professor buscar novas fontes de estudo, no sentido de complementar os conteúdos propostos pelos livros didáticos se justifica pelo fato de que é

[...] no ambiente da sala de aula, nós, professores e professoras, nos despojássemos das concepções tradicionalistas de ensino, e trabalhássemos com a riqueza e a complexidade das imagens na construção do conhecimento geográfico. A meu ver, o grande desafio consiste em trabalhar com outras formas de ensinar, no intuito de propiciarem elas novas temáticas com significados para nossos alunos. Trabalhar com imagem, seu impacto e sua influência na subjetividade é um desafio legítimo e sedutor: a imagem cruza fronteiras, especificidades e bairrismos; possibilita novas formas de buscar o saber num dos mais antigos recursos pedagógicos, e tão disponível na escola (TONINI, 2003, p. 43).

A importância da leitura de paisagens, assim como os demais conceitos estruturadores do ensino de Geografia é servir de “ferramenta” para a compreensão do espaço geográfico pelo aluno. Nessa dimensão, os PCNs orientam que a paisagem deve exceder a simples soma de objetos. Nesse caso, a paisagem se torna uma totalidade, uma configuração geográfica, se constituindo em uma metodologia de ensino.

O conceito de paisagem vem sendo discutido juntamente com o ensino da Geografia. Tais mudanças são motivadas pelos processos de construção e reconstrução dos conteúdos a serem ensinados nessa disciplina. A partir da década de 1980, os geógrafos brasileiros iniciaram um processo de reflexão e análise acerca dos conceitos básicos da ciência geográfica, entre eles o da paisagem. A partir dessas discussões pode-se afirmar que a análise das representações das paisagens nos livros didáticos deve se constituir em uma das principais fontes de encontros, desencontros e confrontos em sala de aula, tornando-se assim indispensável para o ensino da Geografia.

Em nossas entrevistas, verificamos que os maiores problemas em relação ao trabalho com as paisagens em sala de aula decorrem da falta de definição dessa categoria por parte dos professores. No questionamento com os mesmos sobre a forma de utilização das representações das paisagens do livro didático, em especial as paisagens brasileiras, quase todos os professores afirmaram que o trabalho é realizado por meio de “conversas”, “debates”. Para a professora 8, da rede particular, “as paisagens apresentadas nos livros didáticos são trabalhadas de forma a mostrar ao estudante a diversidade dos biomas brasileiros e demais temas”. Segundo essa professora, “muitas delas (paisagens) são projetadas em tela interativa para um trabalho mais efetivo e mais significativo para o estudante”, apesar de não ter especificado a metodologia de trabalho utilizada. Os debates em sala

de aula são importantes, porém, se não houver um direcionamento constante do professor, o foco da reflexão pode ser desviado, tornando o conteúdo fragmentado e incompleto. Se bem direcionadas e complementadas pelo professor, “as estratégias discursivas em pouco tempo, podem derrubar fronteiras aparentemente cristalizadas, podem, ainda, recriar antigas ou construir outras” (TONINI, 2003, p. 38).

A leitura de paisagens é um dos instrumentos fundamentais para a compreensão da realidade social, uma vez que estas retratam as formas de construção e reconstrução do espaço geográfico. Por isso é importante que o professor utilize metodologias que favoreçam aos alunos o entendimento do espaço geográfico, conforme orientações dos PCNs quando indicam que

[...] a análise da paisagem deve focar as dinâmicas de suas transformações e não simplesmente a descrição e o estudo de um mundo aparentemente estático. Isso requer a compreensão da dinâmica entre os processos sociais, físicos e biológicos inseridos em contextos particulares ou gerais. A preocupação básica é abranger os modos de produzir, de existir e de perceber os diferentes lugares e territórios como os fenômenos que constituem essas paisagens e interagem com a vida que os anima. Para tanto é preciso observar, buscar explicações para aquilo que, em determinado momento, permaneceu ou foi transformado, isto é, os elementos do passado e do presente que neles convivem (BRASIL, 1997, p. 26-27).

Ao utilizar as representações das paisagens como categorias de análise do espaço geográfico, não se pode fazer apenas a descrição da mesma, mas uma identificação dos elementos constituídos na mesma que não são visíveis pelo observador. A análise da paisagem deve permitir ao aluno uma reflexão sobre o espaço representado, envolvendo as características físicas e humanas. Por meio do estudo da paisagem, pode se conhecer até mesmo a cultura da população que ali vive e os recursos dos quais dispõe.

A leitura de paisagens não deve ser realizada apenas para construir conceitos descontextualizados, mas para conhecer fenômenos que nos permitem a compreensão da organização do espaço social, uma vez que nela estão contidos uma sociedade, um espaço-tempo, relações de poder e elementos naturais, fatores que a tornam muito ampla. Para Bolós (*apud* Guerra e Marçal, 2006, p. 113),

o objetivo do estudo da Geografia e da paisagem deve ser visto como uma realidade integrada, onde os elementos abióticos, bióticos e antrópicos aparecem associados de tal maneira, que os conjuntos podem ser trabalhados como um modelo de sistema.

Para ensinar a ler paisagens como metodologia de ensino, o docente não deve trabalhar apenas com a visualização das mesmas. Alguns elementos bióticos, abióticos e antrópicos podem não estar na representação. Para que o aluno identifique esses elementos, é necessária uma orientação do professor, pois uma imagem pode ser lida sob diferentes enfoques, dependendo do sujeito observador e de suas percepções.

2.1. Representações de paisagens e seus quantitativos nos livros didáticos

Optamos, também por fazer um estudo quantitativo das representações das paisagens nos livros didáticos. Para isso, quantificamos o número de representações de paisagens relacionadas a cada UF. No entanto, verificamos que muitas das representações das paisagens não têm identificação do espaço representado, o que não nos permitiu que a fizéssemos. Para aquelas que continham indicação do lugar, verificamos que poucas representações de paisagens se referem ao Estado de Minas Gerais (13 representações), em contraposição, a maioria se refere ao Estado de São Paulo (55 representações). Isso pode ser explicado pelo fato de que a editora dos livros analisados é da cidade de São Paulo.

Verificamos que as regiões brasileiras representadas nos livros didáticos são a Sul (9%), Sudeste (37%), Nordeste (14%), Centro Oeste (19%) e Norte (21%). A região mais representada é a Sudeste. Acreditamos que isso decorre do fato de que na região Sudeste estão concentradas as maiores cidades e o “coração” econômico do Brasil.

Pelo fato de os PCNs orientarem que o ensino de Geografia deve ser iniciado a partir do espaço vivido pelos alunos, acreditamos que não há problemas em se discutir representações de paisagens fora da realidade vivenciada pelo aluno. Os PCNs destacam a importância do trabalho com paisagens em sala de aula tanto na perspectiva global como local, uma vez que a compreensão da realidade local relaciona-se com o contexto global. Esse trabalho deve ser desenvolvido durante todo processo escolar, de modo cada vez mais abrangente, desde os primeiros anos de escolaridade.

Toda representação de paisagens é passível de ser analisada, até mesmo de lugares desconhecidos. Assim sendo, é essencial que o aluno entenda as características de cada lugar especificamente, e a partir deste entendimento, estabeleça relações do seu lugar com outros lugares. Isso permite a formulação de comparações e entendimento dos fatos geográficos. Sobre esse assunto, os PCNs orientam que no ensino de Geografia “a paisagem local e o espaço vivido são as referências para o professor organizar seu trabalho” (BRASIL, 1997, p. 87). Entretanto, deve-se ter o cuidado de avançar para além daquilo que os alunos já sabem, evitando estudos restritos às representações sociais, ou seja, deve-se ampliar o conhecimento dos alunos sobre alguns fenômenos que, a princípio, se tinha conhecimento. No caso dos livros didáticos analisados, fica a cargo do professor fazer uma avaliação anterior das paisagens conhecidas pelo aluno, bem como complementá-las com paisagens de outras fontes, quando isso não ocorrer. Portanto, professor e alunos devem buscar imagens representativas em outras fontes de estudo, além do livro adotado.

A análise de paisagens estabelece também relações com os sentidos humanos. A visão é entendida como sentido principal no momento da análise de paisagens, mas assim como ela, também podem ser usados os outros sentidos como olfato e a audição. Ao se lembrar do cheiro de um rio poluído, do gosto de uma comida ou de uma música característica da cultura de certa região, o aluno utiliza outros sentidos além da visão. Para Santos (1996, p. 67), “a dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos. Isso significa que tudo que podemos abarcar com a nossa visão mais a nossa percepção (cores, pessoas, som, etc) pode ser considerado paisagem”. Considerando que a leitura de paisagens é uma das orientações didáticas propostas

pelos PCNs, e de fundamental importância no processo ensino aprendizagem, verificamos que em nenhum dos livros analisados são propostas atividades que envolvam outros sentidos além da visão.

A forma de disposição das paisagens usadas para tratar de um mesmo assunto também foi analisada nos livros didáticos. Percebemos que a formatação das imagens nos livros didáticos depende da localidade e do tema de interesse do autor desse livro. Para os assuntos relacionados a clima, o autor exemplificou com imagens da região nordeste e da região sul. Para ilustrar paisagens sobre vegetação, recorreu-se a imagens dos estados do Paraná, Santa Catarina, Goiás e Pernambuco. Para abordar as paisagens sobre o Brasil, utilizou imagens dos estados da Bahia, Minas Gerais, Amazonas e Santa Catarina. Em relação a influências da temperatura na agricultura utilizou-se de imagens dos lugares com climas quentes e frios, representando diferentes cultivos dos estados do Pará, Santa Catarina, Ceará e Sergipe. Enfim, o relevo brasileiro foi representado por paisagens de Mato Grosso, Paraná e Amazonas.

A partir da diversidade de representações de paisagens no livro didático, é papel do professor discutir com os alunos que o seu espaço de vivência é apenas uma pequena parcela de um espaço maior, onde convivem diferentes culturas que, consequentemente, organizam e reorganizam o espaço de forma diferente. Os PCNs orientam sobre a importância do trabalho em sala de aula de modo que se apresente a diversidade de culturas existentes no Brasil, uma vez que “o sentimento de pertinência ao território nacional envolve a compreensão da diversidade de culturas que aqui convivem e, mais do nunca, buscam o reconhecimento de suas especificidades, daquilo que lhes é próprio” (BRASIL, 1997, p. 75).

O conceito de paisagem faz parte da epistemologia da Geografia. Por isso, é necessário que o professor conheça os fundamentos epistemológicos referentes à ciência geográfica. É sempre necessária uma análise didática relativa a cada passo entre a teoria e a prática de sala de aula. A pergunta de número 4 das entrevistas realizadas com os docentes vem ao encontro a esta necessidade. Os professores foram indagados sobre as metodologias utilizadas para a leitura de paisagens. A professora 5 afirmou que “as paisagens ajudam realmente a *ilustrar* o tema estudado” (grifo nosso). Pelas respostas das professoras, podemos inferir que as mesmas não souberam identificar as metodologias utilizadas por elas para a leitura de paisagens, apenas fizeram inferências sobre a visualização das imagens, sem contudo, ler. Daí, questionamos sobre o procedimento adotado pelas professoras diante do fato de que algumas paisagens possuem aspectos negativos da realidade. A professora 3 afirmou que “*é muito difícil acontecer um caso assim, mais geralmente eu busco novas imagens [...] ou mostrando a própria escola como exemplo que é uma amostra real*”. Outras professoras afirmaram buscar outras paisagens em fontes como internet e/ou outros livros. A professora 10, da rede particular de ensino, explicitou sua preocupação em analisar as paisagens antes dos alunos, pelo fato de elas “*chamarem a atenção do estudante em primeiro lugar*”.

Por meio das entrevistas, verificamos que é necessário diversificar as fontes de pesquisa, uma vez que o trabalho somente com o livro didático pode tornar as aulas desinteressantes e repetitivas para o aluno. Para Maciel e Marinho (2011, p. 56), em sala de aula,

o educador deve estar disposto a utilizar as novas técnicas e metodologias para elaborar as suas aulas, pois, o mesmo se depara com um público, cada vez mais exigente, a espera de mais conhecimentos sobre o espaço geográfico e, conseqüentemente, da paisagem vivenciada por eles.

Sobre a importância da utilização de outras fontes, Puntel (2006, p. 86) afirma que atualmente vivemos

num mundo com uma disponibilidade muito grande de informação e de material impresso que pode ser transformado em conhecimento, é necessário disponibilizar e priorizar tempo para organizar esse material e transformá-lo em material didático.

Na prática docente, é também necessário realizar análises das influências externas às percepções de cada paisagem, sejam elas diretas ou indiretas. As interferências na leitura de uma paisagem estão associadas à formação, à área de conhecimento, às questões sociais, às características pessoais do observador ou até mesmo do seu meio cultural. As alterações naturais são lentas enquanto que as alterações humanas são rápidas, mas, apesar do tempo, ambas modificam, constroem e reconstroem o espaço geográfico.

O trabalho com as paisagens no livro didático também pode abordar as questões ambientais do nosso mundo, contribuindo para que o aluno perceba que nem sempre as transformações do espaço geográfico são benéficas para o homem. As questões ambientais devem ser discutidas em sala de aula, uma vez que podem favorecer mudanças de atitudes e comportamentos em relação ao meio ambiente. Por isso, questionamos as professoras se as mesmas exploram as imagens que ilustram os livros didáticos para discutirem sobre as questões ambientais. Todos os professores entrevistados admitiram saber da importância do trabalho com a preservação ambiental, sendo que a maioria dos professores afirmou que desenvolve o trabalho utilizando as paisagens ilustradas nos livros didáticos. A professora 4 afirmou que trabalha problemas ambientais *“com frequência”*, porém afirma: *“se tivéssemos a chance de trabalhar no concreto as paisagens seria um grande impacto, mas como não tem, trabalho com as paisagens dos livros mesmo”*. Questionamos aos professores se realizam trabalho de campo com seus alunos para identificação in loco das questões ambientais. Foi unânime entre as professoras da rede pública a resposta de que nunca realizam trabalho de campo com os alunos. As justificativas para essa prática foi devido à *“falta de recursos financeiros”* e à *“indisciplina dos alunos”*. No entanto, muitas professoras afirmaram fazer comparações e estabelecer relações entre lugares poluídos ou não. Para a professora 9, que atua na rede particular de ensino, é de extrema importância trabalhar esse conteúdo *“através da comparação com a realidade da nossa cidade (Patos de Minas)”*. Segundo essa professora, *“trabalhos de campo também são feitos e projetos interdisciplinares que visam a sustentabilidade.”* O trabalho de campo com os alunos pode ser realizado em todo lugar, mesmo dentro da escola ou no bairro onde a escola se localiza. Sendo assim, pode-se afirmar que essa metodologia é fundamental para a compreensão das questões ambientais. Sobre a importância do tra-

balho de campo com os alunos, seja ele para tratar de questões ambientais ou outros conteúdos, Puntel (2006) afirma que

o trabalho de campo como recurso didático possibilita vivenciar e compreender o mundo e a vida para além da transmissão dos conteúdos. É uma prática em que o conteúdo pode tornar-se mais significativo, pois o aluno tem a oportunidade de vivenciá-los, tornando-os parte de sua experiência pessoal (p. 87).

Mesmo sabendo da importância do trabalho de campo, é necessário reconhecer que nem sempre se constitui em uma metodologia fácil de ser aplicada. É fato que desenvolver atividades extraclasse com alunos exige um comprometimento maior por parte do professor. E nem sempre este comprometimento é possível, uma vez que o docente precisa de tempo para organizar um trabalho de campo com visita prévia ao local, além do domínio de conceitos geográficos.

As alterações no espaço geográfico pelo homem fazem com que o mesmo esteja em constante construção e reconstrução, o que implica em alterações, também, nas paisagens. Segundo Santos (1996, p. 68), “a paisagem não é dada para todo o sempre, é objeto de mudança. É um resultado de adições e subtrações sucessivas. É uma espécie de marca da história, das técnicas”. Sendo assim, cabe ao professor apresentar aos alunos que as modificações do espaço geográfico na busca da sobrevivência podem ser benéficas ou não para a sociedade.

As paisagens naturais são diferentes de paisagens culturais, sendo que as duas constituem o espaço geográfico. No contexto em que vivemos, é cada vez mais difícil encontrar paisagens sem a intervenção humana. Sendo assim, percebe-se que o homem no processo de busca pela sua sobrevivência altera a natureza, formando diferentes paisagens.

De acordo com os conteúdos indicados nos livros didáticos, aferimos que as paisagens naturais são aquelas constituídas por apenas elementos naturais. Em relação às paisagens urbanas, foi possível verificar que os elementos que as constituem são considerados a partir das grandes aglomerações e construções. A paisagem rural apresenta características diferentes do espaço urbano, uma vez que o espaço urbano é marcado pela concentração e aglomeração de pessoas, construções e veículos.

O mundo pode ser representado por várias paisagens. As imagens podem ser usadas com diversos objetivos, cabendo ao leitor elaborar os sentidos por meio de mecanismos de projeção e identificação das mesmas. Cada pessoa interpreta a paisagem a seu modo, pois esta análise pode sofrer influências sociais, religiosas e culturais. Como afirmam Castellar e Vilhena (2010, p. 24), “a leitura e a escrita que o aluno faz da paisagem estão, sem dúvida, carregados de fatores culturais, psicológicos e ideológicos”.

A partir da análise dos livros didáticos, também foi possível comparar a relação entre as paisagens representadas e os textos escritos que as acompanham. É de fundamental importância que a representação da paisagem seja citada no texto para facilitar o estabelecimento de relações com as imagens mostradas. Por meio de análise, verificamos que apenas 12% das paisagens são citadas nos textos trazidos pelos livros didáticos. Quando o texto escrito está relacionado à imagem, facilita ao aluno a compreen-

são do espaço representado. No entanto, verificamos que 86% das paisagens indicadas têm relação com o texto escrito, mas não são citadas no mesmo, apenas trazem a indicação de espaço, o que pode favorecer ao aluno estabelecer relações com o texto escrito. Cabe ao professor discutir com os alunos as relações entre o conteúdo e a representação da paisagem. Por fim, foi verificada, mediante análise nos livros didáticos, uma incidência de 2% de paisagens que não **têm** nenhuma relação com o texto.

Outro ponto analisado nos livros didáticos foi a ocorrência ou não de paisagens da cidade em que vive o aluno, no caso, a cidade de Patos de Minas. Em nenhum dos livros há representações de paisagens dessa cidade. Isso exige do professor a utilização de livros regionais e a busca em outras fontes. Por isso, questionamos aos professores sobre a forma como trabalham paisagens de Patos de Minas, se o livro não as apresenta. Alguns professores alegaram não trabalhar com estas paisagens. A professora 2, afirmou “*olha, eu não trabalho com este conteúdo, ele é trabalhado no 4º ano e eu trabalho no 5º ano*”. Outros professores, assim como a professora 6, afirmaram: “*eu trabalho através de pesquisas em outras fontes como internet, livros. É, nessas fontes*”. A professora 9, da rede particular de ensino, afirmou: “*nós trabalhamos tendo como referência livros de autores patenses, fotos antigas, acervos, fotos de família, indo ao museu de Patos de Minas, conversando com pessoas mais velhas*”. É importante salientar que a cidade de Patos de Minas tem um acervo disponível para o trabalho com paisagens desde a sua fundação que está acessível a pesquisas, principalmente de alunos das escolas da cidade. Este acervo se encontra na Divisão de Patrimônio Histórico, órgão do poder municipal.

Os lugares conhecidos pelo aluno devem ser analisados em seus vários aspectos por meio das paisagens. A partir do entendimento do espaço geográfico, o aluno se reconhece como sujeito que altera seu entorno de acordo com suas necessidades, entendendo-se como construtor do espaço geográfico. Mesmo que o aluno tenha contato direto com o lugar representado pela paisagem, ainda assim, pode fazer novas leituras por meio de diferentes análises. Cosgrove (1999) destaca a importância de um direcionamento do professor acerca das paisagens conhecidas pelos alunos, afirmando que

as paisagens tomadas como verdadeiras de nossas vidas cotidianas estão cheias de significado. Grande parte da Geografia mais interessante está em decodificá-las. [...] Porque a Geografia está em toda parte, reproduzida diariamente por cada um de nós. A recuperação do significado em nossas paisagens comuns nos diz muito sobre nós mesmos. Uma Geografia efetivamente humana crítica e relevante, que pode contribuir para o próprio núcleo de uma educação humanista: melhor conhecimento e compreensão de nós mesmos, dos outros e do mundo que compartilhamos (p. 121).

Ao fazer a leitura de uma paisagem, é possível conhecer a cultura do povo que dela se apropria, bem como suas formas de produção e sobrevivência. É necessário também que o aluno perceba a interação entre as paisagens e as pessoas que com ela estabelecem relações, imprimindo à paisagem as características da cultura de um povo.

É fundamental que o professor se preocupe em desenvolver o olhar crítico do aluno não apenas para as imagens dos livros didáticos, mas também para todas as paisagens que ele visualiza no seu dia-a-dia. Dessa forma, o aluno pode analisá-las para

além dos muros escolares. Nesse processo, compreenderá como os fatores relacionados à cultura, às experiências pessoais ou até mesmo posições políticas ou religiosas podem influenciar na análise da paisagem.

Outra análise realizada nos livros foi a relação entre a posição da paisagem e o objeto do qual se quer falar. Verificamos inicialmente que algumas representações de paisagens foram extraídas na posição horizontal, conforme Figura 1.

Figura 1. Relação entre posição da imagem e conteúdo



Fonte: Análise documental nos livros didáticos do 4º e do 5º ano.

A fotografia acima foi tirada na posição horizontal, onde verificamos o interesse do autor em adentrar o sujeito observador na imagem. Isso ocorre quando trata-se de imagens consideradas “paisagens bonitas”, ou seja, “paisagens espetáculo”. Nessa imagem foram retirados os sujeitos da paisagem como forma de torná-la ainda mais “bonita”. Verificamos também algumas representações de paisagens que foram extraídas na posição oblíqua, conforme Figura 2.

Figura 2: Relação entre posição da paisagem e conteúdo



Fonte: Análise documental nos livros didáticos do 4º e 5º ano

A imagem acima foi retirada na posição oblíqua, posição geralmente utilizada nas representações de paisagens que mostram pessoas pobres ou lugares poluídos. Verificamos que, quando se quer diminuir o objeto ou pessoa em relação ao assunto tratado, tira-se a foto na posição oblíqua. Na imagem acima, as pessoas pobres são mostradas em favelas em situação de pobreza extrema. Por fim, verificamos que algumas representações de paisagens foram retiradas na posição vertical, conforme figura 6.

O conceito de paisagem é tão importante quanto os demais conceitos estudados no processo de educação geográfica. Sendo assim, não pode ser trabalhado de forma superficial, deve-se ser considerada a contribuição desse conceito para a percepção da realidade socioespacial vivenciada pelo aluno.

3. O trabalho com paisagens no processo de ensino aprendizagem

Em sala de aula, o trabalho com as representações de paisagens deve ser realizado com certa cautela por parte do professor. As primeiras análises devem ser visualizadas de modo intuitivo pelo aluno, sendo que somente após as discussões dos professores e de outros colegas, o aluno consegue construir conceitos. No processo de aprender a ler paisagens, o mesmo deve ser incentivado a fazer observações, levantar hipóteses em face do tema abordado. Nunes (2011, p. 94) afirma que

para a aprendizagem e leitura da dinâmica espacial do espaço geográfico é necessário exercitar habilidades como analisar e descrever a paisagem, como forma de melhor interpretar e analisar a lógica da organização de dado arranjo espacial ali manifesto.

Ao identificar uma imagem no livro didático, o aluno deve ser instigado a falar sobre suas observações na visualização da mesma. Dessa forma, o aluno consegue explicitar as representações sobre determinado lugar.

Ao identificar o tempo que a imagem está ilustrando, o aluno pode estabelecer relações entre o passado e o presente e comparar as mudanças ocorridas em um espaço o longo do tempo. Por isso, enfatizamos a necessidade de identificação do lugar e do tempo das representações de paisagens nos livros didáticos. Assim sendo, procuramos observar se as imagens que representam as paisagens nos livros didáticos apresentam o lugar e o tempo em foram capturadas pelo olhar do autor e/ou editor do livro.

Em relação aos livros didáticos 1, todas as paisagens ilustradas estão datadas, conforme Figura 3.

Figura 3 Apresentação do tempo em que a paisagem foi capturada



Fonte: Análise documental nos livros didáticos do 4º e 5º ano

A representação de paisagem acima se refere ao livro didático do Projeto Pitanguá, em que as representações de paisagens são datadas. O indicativo do tempo em que a paisagem foi capturada é um fator importante na leitura de paisagens, pois permite que o professor explore com os alunos a noção de espaço e tempo, bem como a comparação das transformações acontecidas no espaço geográfico. No caso da figura 3, o aluno pode perceber que essa é a realidade da Planície do Pantanal no ano de 1996, sendo que atualmente pode ocorrer que a paisagem do mesmo local não se encontre com as mesmas características. Em contrapartida, nos livros didáticos 2, quase todas as paisagens ilustradas não estão datadas, conforme Figura 4.

Figura 4 Apresentação do tempo em que a paisagem foi capturada

Vista da floresta amazônica e trecho do Rio São Benedito, no Pará.



Fonte: Análise documental nos livros didáticos do 4º e do 5º ano

A representação da paisagem acima refere-se ao livro didático do Projeto Buriti, no qual as imagens que ilustram os livros não tem indicação de datas. Defendemos que todo conteúdo deve ter ilustrações com a indicação da data em que foi tirada. Isso favorece ao aluno a identificar a localização do espaço representado, procurando identificar, também, as suas características. Castellar e Vilhena (2010, p. 42) defendem que “para fazer a leitura da paisagem, descobre-se o lugar em que esta localizada e também, ao descrevê-la, sabe-se sobre sua identidade”. Ao entender o mundo a sua volta, o aluno pode se interessar pelo estudo do espaço geográfico, sentindo-se um sujeito ativo capaz de influenciar tanto direta quanto indiretamente no espaço geográfico.

Para facilitar a leitura, o professor pode fazer traços que permitem a observação da paisagem em todos os seus planos separadamente. Esta metodologia permite ao aluno identificar todos os elementos que compõem a paisagem, pois, como afirma Nunes (2011, p. 47), “professores e alunos leitores críticos do espaço não lidam com uma mera visualização de paisagens”.

O professor também deve fazer questionamentos aos alunos sobre a imagem que ilustra as paisagens nos livros, indagando-os sobre o fato de a paisagem ser ou não familiar para ele. Com isso, outras perguntas podem ir surgindo, tornando o processo de análise das paisagens mais dialógico. Kaercher (1999, p. 141) afirma que “ajudar o aluno a criar perguntas, e não apenas a responder o que queremos, é um papel importante a ser assumido. Não implicando isto um 'deixar fazer o que quiser' por parte dos alunos. O professor tem um papel central no processo educativo”. Além disso, o levantamento de hipóteses também é importante na análise das paisagens, uma vez que, por meio delas, o aluno pode confrontar e verificar as suas representações sociais.

Em relação aos livros didáticos analisados, outra verificação foi em relação ao estabelecimento de comparações entre as representações de paisagens. A comparação de paisagens permite ao aluno o entendimento da categoria de espaço- tempo e o reconhecimento das transformações do espaço geográfico. Verificamos que em todos os livros didáticos analisados não são propostas atividades de comparação entre paisagens do mesmo espaço. Algumas vezes são dispostas no livro didático representações do mesmo espaço, porém em partes diferentes e indicando conteúdos diferentes, conforme Figuras 5 e 6

Figura 5: Parque das Emas-MT

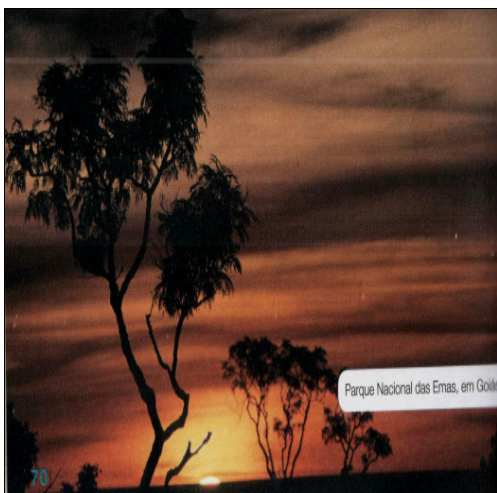


Figura 6: Queimadas no MT



Fonte: Análise documental nos livros didáticos do 4º e 5º ano

Pelas imagens acima verificamos que o Parque Nacional das Emas aparece em dois conteúdos abordados no livro, com a “Região Centro- Oeste” e “Queimadas. Entretanto essas paisagens ilustram as páginas 70 e 75, e não há nenhuma relação entre elas. A comparação entre paisagens pode favorecer ao aluno compreender mais facilmente as transformações ocorridas no mesmo espaço ao longo do tempo. Passini (2007, p. 149) afirma que

a classificação é a ação da mente, diferentemente da identificação de cada elemento. A criança consegue perceber melhor a diferença do que a semelhança, pois esta última exige o raciocínio sobre inclusão. A diferença é percebida numa leitura particular [...].

Sendo assim, podemos afirmar que a comparação entre paisagens é fundamental para a compreensão da dinamicidade do espaço geográfico. É tarefa do professor fazer a leitura da paisagem juntamente com os alunos, no sentido de mostrar que esta é a realidade de determinado lugar naquele momento. É sempre necessário enfatizar as mudanças que ocorrem permanentemente no espaço geográfico como forma de apropriação de determinada cultura do espaço em que vive.

Atividades que envolvem a elaboração de croquis ou desenhos permitem ao aluno organizar elementos e construir legendas. No croqui, o aluno pode explorar vários conceitos cartográficos como escala, legenda, área, linha, entre outros. Primeiro, o aluno deve passar por todo o processo de análise da paisagem para posteriormente poder representá-la.

Nos livros didáticos analisados, foram encontrados vários clichês geográficos, como, para tratar da poluição do solo pela sociedade, o autor utilizou-se de paisagens de favelas, lixões e pessoas pobres, desconsiderando a responsabilidade das outras classes sociais neste processo. Para tratar de problemas ambientais são utilizadas paisagens de São Paulo somente. Para tratar da poluição dos rios usam-se somente paisagens do rio Tietê. Para tratar de cada região especificamente, os livros didáticos também criam outros clichês geográficos ligados à regionalização brasileira, como, para tratar da região Norte, usa-se, predominantemente, paisagens naturais. Para tratar da região Sul usa-se, predominantemente, paisagens urbanas e rurais onde a riqueza é evidente. Para tratar da região Nordeste, usam-se, predominantemente, paisagens de pobreza e seca. Para tratar da região Centro-Oeste, usam-se predominantemente paisagens de desmatamento e queimada. Para tratar da região Sudeste usam-se, predominantemente, paisagens de grandes cidades urbanizadas.

Os clichês geográficos devem ser identificados pelo professor com o objetivo de evitar o desgaste de sentido dos conteúdos a serem discutidos, desconstruindo os pré-conceitos e más interpretações do aluno.

Saber planejar é fundamental para o trabalho com a disciplina Geografia. Planejando suas atividades, o professor pode ministrar aulas bem elaboradas e mais significativas para o aluno. A partir de uma paisagem podem ser trabalhados diversos temas com diferentes abordagens. Apesar da importância de um planejamento em relação às atividades ministradas em sala de aula, principalmente na área da Geografia, alguns professores tiveram dificuldades em responder a pergunta relacionada a este tema na entrevista. Ao serem solicitados a indicarem uma atividade do livro didático e relatarem como ela foi trabalhada, alguns professores afirmaram não ter condições de fazerem isso, ou seja, praticamente se negaram a responder. Algumas professoras afirmaram que não realizam atividades com paisagens, conforme depoimento da professora 1, que afirma *“bem, não tem nenhuma atividade especial que eu possa assinalar. Como eu já disse anteriormente, geralmente eu uso perguntas e respostas, interpretações de paisagens, mais ou menos isso”*. Outras professoras afirmaram que não poderiam dar resposta a essa pergunta (professoras 2 e 5) porque, segundo as mesmas, *“não estavam com o caderno de planos em mãos para consulta”*. A professora 6 respondeu que trabalha sempre da mesma forma, *“sempre levo os alunos a fazer observações”*. A professora 8, da rede particular de ensino, apresentou uma atividade do 4º ano, atividade esta que fala dos espaços rural e urbano. Segundo essa professora, *“o estudante pode questionar e comparar estes espaços, analisando as diferenças entre eles, possíveis semelhanças e ainda argumentar sobre a importância de um depender do outro”*. O planejamento das atividades é importante para que o professor não siga as atividades do livro tal qual as mesmas são propostas. Para Vesentini (2003), essa prática de cartilha é maléfica para a formação do aluno, porque

ele [o livro didático] acaba tomando forma de critério do saber, fato que pode ser ilustrado pelo terrível cotidiano do 'veja no livro'; 'estude para a prova da página x a página y'; 'procure no livro', etc. Entretanto desses termos, o livro didático, apesar de não ser como querem alguns o grande culpado pelo autoritarismo e pela precariedade no ensino, acaba consubstanciando a forma visual e institucionalizada deste como saber completamente externo à prática educativa, e sendo meramente assimilado (mas não produzido) pelos alunos. Contudo é possível manter uma outra relação com o livro didático. O professor pode e deve encarar o manual não como definidor de todo o seu curso, de todas as suas aulas, mas fundamentalmente como um instrumento que está a seu serviço, a serviço de seus objetivos e propostas de trabalho (p. 168 – 169).

Pelo nosso estudo, verificamos que o livro didático propõe metodologias e atividades semelhantes, porém cabe ao professor buscar metodologias diferenciadas para trabalhar com os alunos. Também é válido que o professor busque outras fontes, para que paisagens diferentes possam ser lidas pelos alunos a fim de facilitar a compreensão do processo de construção e reconstrução do espaço geográfico ao longo da história.

Considerações finais

Por meio desta pesquisa foi possível perceber a importância do trabalho com paisagens para o ensino da Geografia como forma de auxiliar o aluno a entender o espaço geográfico, bem como suas transformações. Os livros didáticos podem e devem ser utilizados em sala de aula como recurso facilitador da aprendizagem, porém sem que suas limitações sejam desconsideradas. Se bem exploradas pelo professor, as representações das paisagens podem ser fonte de aprendizado de qualquer conteúdo geográfico. Os livros didáticos trazem em seu conteúdo muitas representações de paisagens. Assim sendo, cabe ao professor procurar a melhor forma de trabalhar, discutindo os clichês geográficos e a ideologia que pode perpassar o mercado editorial.

Foi possível perceber, pelas entrevistas realizadas, que há, ainda, muitos desafios a serem vencidos pelas professoras em relação à utilização das imagens dos livros como metodologia de ensino aprendizagem. Além disso, faz-se necessário um melhor planejamento das atividades e a utilização de outras fontes, além do livro didático. Por isso, defendemos que os professores que atuam nas séries iniciais devem procurar formação continuada na área de Geografia a fim de facilitar a utilização de outras linguagens geográficas na prática pedagógica. Os PCNs orientam sobre a importância do estudo das paisagens. No entanto, verificamos que os professores não têm conhecimento dessas orientações e ainda utilizam pouco essa categoria no ensino de Geografia. Enfim, afirmamos que os professores ao analisarem os livros encaminhados pelo PNLD para serem selecionados para adoção nas escolas, devem adotar critérios de seleção relacionados às imagens existentes nos livros. Afinal, vivemos num mundo imagético!

Referências

- BITTENCOURT, Circe. M. F. Livros didáticos entre textos e imagens, in: *O saber histórico em sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1997.
- BRAGA, R. B. Geografia como ciência e como disciplina escolar, in: SALGADO, M. U. C.; MIRANDA, G. V. (org.). *Veredas: formação superior de professores: módulo 3-v. 3/SEE-MG*. Belo Horizonte: SEE-MG.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. *Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia*. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_jfilter&Itemid=164¶ms\[search_relevance\]=pcn¶ms\[search_method\]=exat¶ms\[tipobusca\]=null](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_jfilter&Itemid=164¶ms[search_relevance]=pcn¶ms[search_method]=exat¶ms[tipobusca]=null)>. Acesso em: 29 maio 2012.
- CASTELLAR, Sônia; VILHENA, Jerusa. *Ensino de Geografia*. São Paulo: Cengage Learning, 2010. (Coleção Ideias em Ação).
- COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas, in: CORRÊA, Roberto Lobato & ROZENDAHL, Zeny (org.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.123p. p.92-123.
- GUERRA, Antônio José Teixeira; MARÇAL, Mônica dos Santos. *Geomorfologia ambiental*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- KAERCHER, Nestor André. *Desafios e utopias no ensino da Geografia*. 3 ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.
- MACIEL, Ana Beatriz Câmara; MARINHO, Fábio Daniel Pereira. *O estudo da paisagem e o ensino da geografia: breves reflexões para docentes do ensino fundamental II*. (UFC), Fortaleza/CE, v. 2, n. 4, 2011.
- NUNES, Flaviana Gasparotti (org.). *Ensino de Geografia: novos olhares e práticas*. Dourados: Editora da UFGD, 2011.
- PASSINI, Elza Yasuko. Alfabetização cartográfica, in: _____; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra T. (org.). *Prática de ensino de Geografia e estágio supervisionado*. São Paulo: Contexto, 2007.
- PUNTEL, Geovane Aparecida. *Paisagem: uma análise do ensino da Geografia*. Porto Alegre: UFRGS, 2006.
- PONTUSCHKA, Nídia Nacib, OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino (org.). *Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa*. São Paulo: Contexto, 2002.
- RUA, João. *Em busca da autonomia e da construção do conhecimento: o professor de Geografia e o saber instituído*. Rio de Janeiro, 1998.

SANTOS, Milton. *Paisagem e espaço: metamorfoses do espaço habitado*. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

TONINI, I. M. *Imagens nos livros didáticos de Geografia: seus ensinamentos, sua pedagogia*. Fortaleza: Mercator (UFC), v. 1, n. 4, 2003.

VESENTINI, J.W. A questão do livro didático no ensino de geografia, in: *Geografia e ensino: textos críticos*. 7 ed. Campinas: Papyrus, 2003.